

A linguagem na perspectiva psicopedagógica: o desenho como instrumento de comunicação

Vanúbia Dantas Araújo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: vanubiadantas@hotmail.com

RESUMO: O desenho está presente no cotidiano infantil, em razão do auxílio dessa imagem gráfica em identificar as diferentes etapas vivenciadas pelas crianças de 18 meses a 5 anos de idade, considerando cada uma com um ritmo próprio. Nesse contexto, o desenho não é trabalhado como poderia ser, na medida em que pode ser um instrumento para realização das intervenções psicopedagógicas, pois no momento em que o infante realiza essa atividade transfere seu estado para o papel, na medida em que permite um olhar específico. O tema abordado se impõe a partir da constatação de que os desenhos podem ser compreendidos sob a perspectiva de tipologia e livre manifestação da linguagem, um método de comunicação por meio de uma atividade prazerosa. Dessa forma, este artigo tem por finalidade possibilitar o diálogo entre os vários pesquisadores dessa área, com a intenção de desencadear reflexões de psicopedagogos, professores e pais sobre o desenho infantil como comunicação. Para isso, o trabalho tem como objetivo contextualizar o desenho infantil, a perspectiva psicopedagógica, e a conexão dessas duas possibilidades, que, juntas, podem realizar no infante e compreendê-los. Utilizando de revisão bibliográfica da doutrina de Vygotsky (1988), Piaget (1969), Azenha (1994) e Moreno (2005), conclui-se que o desenho pode ser um instrumento de comunicação do infante, passível de ser utilizado pelo psicopedagogo no desempenho das suas funções, tendo em vista estar presente no processo de obtenção da formação da linguagem infantil.

Palavras-chave: Desenho. Comunicação infantil. Linguagem. Psicopedagogo.

ABSTRACT: The drawing is present in children's daily lives, due to the help of this graphic image to identify the different stages experienced by children 18 months to 5 years old and considering each one with its own pace. In this context, the design is not working as it could be, as far as it can be an instrument to carry out the interventions psychopedagogic because when the infant performs this activity transfers its status to the paper, as that allows a glance specific. The topic is imposed from the finding that the drawings can be understood from the perspective of typology and free expression of language, a communication method by means of a pleasurable activity. Thus, this article aims to facilitate dialogue between the various researchers in this area, with the intention of triggering reflections of educational psychologists, teachers and parents about children's drawing as communication. For this, the paper aims to contextualise children's drawing, the psychoeducational perspective, and the connection of these two possibilities, which together can hold the infant and understand them. Using the hypothetical-deductive method of research and literature review of the doctrine of Vygotsky (1988), Piaget (1969), Azenha (1994) and Moreno (2005). The conclusion is that the design can be a communication tool of the infant, which can be used by educational psychologist in the play of their duties, in order to be present in the process of obtaining training in child language.

Keywords: Drawing. Child communication. Language. Educational. Psychologist.

INTRODUÇÃO

As linhas, as cores e os rabiscos são fenômenos verbais, que pode dizer algo de alguém com base no contexto em que a conhece. As fronteiras entre a arte e a linguagem são invisíveis, talvez não existam, justamente porque essa relação entre imagem e palavra ou traço e letra são, na verdade, mais próximas do que se imagina. A tarefa de compreensão da arte em texto, sua tradução linguística, pode ser formulada a partir da comunicação e das técnicas de interpretação de adulto profissional: o psicopedagogo.

A tarefa de educar, entre outras definições, pode ser compreendida por proporcionar caminhos a serem percorridos aos educandos. Estes caminhos nem sempre são livres, fáceis, mas recorrer a maior compreensão possível da identidade representada por cada educando, através de índole, gostos pessoais vivência familiar e social, anseios, interesses peculiares, bloqueios e outras variáveis críticas, que podem facilitar ou inibir os aprendizados em geral diante da própria existência e dos estímulos inerentes a formação escolar.

Assim, os temas que vinculam a grande área da educação aos fundamentos de outras esferas do conhecimento humano dinamizam-se quando se recorre à psicopedagogia, uma área multidisciplinar. Nela, se leva o psicopedagogo a planejamentos e trabalhos integrados com outros profissionais, respeitando-se, contudo, as múltiplas especificidades das clientelas enfocadas, desenvolvendo de tarefas e atividades que possam eficazmente gerar um aprendizado adequado ao desenvolvimento integral da criança.

A linguagem, na perspectiva psicopedagógica, utilizando-se do desenho como instrumento de comunicação está presente no processo de obtenção da formação da linguagem do infante. A criança além de demonstrar interesse na realização dos seus desenhos também manifestam diversas coisas através da imagem gráfica, dessa forma, pergunta-se: O desenho infantil pode ser utilizado como comunicação? É apenas um passatempo da criança ou, também, terreno fértil para avaliação?

Sendo assim, este artigo escolheu pautar-se em uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de encontrar uma resposta para esta pergunta. O referido artigo tem como objetivo analisar a valoração do desenho como instrumento de comunicação para o infante, para tal, recorre-se a alguns autores que serão apresentados ao longo do trabalho,

Vygotsky (1988), Azenha (1994) e Luquet (2006).

O tema abordado se impõe a partir da constatação de que os desenhos podem ser compreendidos sob a perspectiva de tipologia de livre manifestação da linguagem, um método de comunicação na infância, essa manifestação reflete conforme a construção da oralidade (fala) levando-o ainda a múltiplas descobertas. Acredita-se que eles influenciam de forma direta na assimilação da linguagem e oralidade da criança. Para consubstanciar propriamente o desenvolvimento teórico da presente pesquisa foram executados além das linhas introdutórias três seções, sendo estes: manifestação da linguagem, o qual será pontuada relevância e suas características; o desenho e o desenvolvimento infantil, na qual será explicitado de forma objetiva os desenhos gráficos realizados pelas crianças como também sobre o desenvolvimento do infante; por fim, será falada da relação entre psicopedagogia, e os desenhos e sua importância na fomentação da linguagem infantil com base na doutrina de Luquet.

Cabe ressaltar que nesse processo de aprendizagem da criança faz-se imprescindível ao profissional mediador nesse percurso ter um olhar sensível para singularidade da cada aprendente percebendo assim, que a aprendizagem ocorre de maneira distinta na vida de cada indivíduo. Dessa forma, é possível relatar que esse artigo visa investigar aspectos que contribuam para um melhor entendimento do espaço infantil e suas peculiaridades no encadeamento de obtenção da linguagem aqui comentada.

1 A MANIFESTAÇÃO DA LINGUAGEM

Compreende-se que a escrita e a oralidade são característicos ao indivíduo. Botelho (2003) enfatiza que a ideia de que oralidade e a escrita são dois fenômenos inerentes ao ser humano e que entre a linguagem oral e a linguagem escrita há mais semelhanças do que diferenças. Ele afirma que cada uma dessas modalidades discursivas possui características particulares, sendo um fato inexoravelmente que não se pode negar, contudo, é inegável também que há muito em comum entre elas.

Em função disso, pode-se dizer que as duas modalidades, oralidade e escrita são imprescindíveis para a criança, cada uma traz consigo contribuições relevantes que nortearão o processo de aprendizagem que se faz contínuo, além do que suas especificidades se completam. Nessa linha, Koch (1997) afirma que há textos que se

situam no contínuo mais próximo ao pólo da fala conversacional (bilhete, carta familiar textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros) existindo ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. É importante ressaltar que cada pólo faz-se importante no percurso da aquisição da linguagem, cada um vem contribuir de forma plausível na trajetória de assimilação do infante.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, Soares (2000) inclusive afirma que alfabetizado é aquele aluno que sabe ler e escrever; e quando a autora refere-se ao aluno letrado ela diz que este vive em estado de letramento não apenas sabe ler e escrever, mas é aquele que usa socialmente a leitura e a escrita e responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Vygotsky, sob a perspectiva histórico-cultural, concebe o homem como um ser social que só se torna humano em meio a outros seres humanos, construindo assim, uma rede complexa de relacionamentos e comportamentos que forma a sociedade, Com isso, analisa-se a educação de maneira a salientar a aquisição de conhecimentos, como um processo de acúmulo de experiências não só pessoais como interpessoais e históricas, ou seja, como todo conhecimento adquirido ao longo da existência humana. Com base no referido autor pode-se dizer que o convívio com a sociedade em que este indivíduo está inserido contribui e influencia na assimilação dos conhecimentos, tornando-o humano e possibilitando também a socialização do seu saber (REGO, 1993).

Deve-se ter em mente que o aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e próprio conhecimento. A formação de conceitos espontâneos ou cotidianos desenvolvidos no decorrer das interações sociais, diferenciam-se dos conceitos científicos adquiridos pelo ensino, parte de um sistema organizado de conhecimento (VYGOTSKY, 1988). Mesmo sabendo que a aprendizagem não ocorre de modo igual na vida do indivíduo, fica claro que a interação com o outro nesse processo de obtenção dos conhecimentos é muito importante e contribui de maneira satisfatória no aprimoramento da aprendizagem.

O objetivo do sujeito na pré-escola, leciona Azenha (1994), é a de estar oferecendo um clima de bem estar físico, afetivo, social e intelectual, atividades lúdicas, com isso elas devem promover curiosidade e a espontaneidade, estimulando descobertas como também novas relações. Pontua-se, inclusive, que faz-se necessário a pré-escola

ter responsabilidade para resolver não só os problemas de ensino fundamental, embora esta colabore muito para a criança apresentar um excelente acesso neste nível de ensino.

Por essa razão, é imprescindível que a escola identifique seu papel na vida escolar da criança pra que esta possa conseguir ser inserida no ensino fundamental sem trazer consigo grandes dificuldades nessa nova fase escolar. Quanto à assimilação da criança, Piaget (1969) enfatiza que esta é a incorporação dos dados da realidade nos gráficos disponíveis do sujeito, ou seja, é o processo pelo qual as ideias, pessoas, costumes são incorporados á atividades do sujeito. Assim, nesse raciocínio, a criança aprende a língua e assimila tudo, transformando tudo o que houve em conhecimento seu. Coadunando com as afirmações de Piaget, pode-se afirmar que nesse percurso de incorporação dos dados do sujeito, cada situação vivenciada contribui de forma significativa para elaboração dos seus conhecimentos, ou seja, é percebido a criança considera importante cada fato à sua volta.

2 O DESENHO

A maior possibilidade de acesso ao papel e ao lápis aconteceu no final do século dezenove, possibilitando a criança desenvolver técnicas de desenho, as quais antes estavam limitadas ao uso de instrumentos como o carvão e a areia. Luquet (2006) foi um dos primeiros estudiosos a apontar fases entre os traçados expressos pela criança, o autor divide essas etapas em quatro etapas baseadas em idades, ele apresenta o percurso percorrido pelo desenho infantil como algo universal.

Assim, quatro fases podem ser destacadas nesse momento. Na primeira, Luquet (2006) reconhece o estágio do realismo fortuito, na qual se inicia a partir dos primeiros anos de idade, período esse em que a prática dos rabiscos chega ao fim. Ele argumenta, ainda, que é nessa etapa que a criança promove ligações entre os traços realizados por ela e os objetos ao seu redor, denominando assim, suas criações. Na segunda fase, há um realismo fracassado, na qual se inicia entre os três e quatro anos, tendo em vista que nessa fase é caracterizado o momento pelo qual a criança percebe a relação entre objeto e forma, procurando reproduzir o objeto em seus desenhos, compostos por tentativas, que podem ser fracassadas ou não. Na terceira, há o realismo intelectual, observada dos quatro aos dez ou doze anos, na qual a criança já produz conhecimentos, não desenha apenas o que vê, mas o que sabe do que vê. Por fim, o realismo visual, tratado dos oito

aos nove anos de idade, momento em que consiste no desenho infantil perdendo suas características de rabiscos e ganhando a representação do ponto de vista pessoal de determinados objetos.

Há de se perceber que cada etapa vivenciada pela criança na expressão dos seus traçados tem grande importância para seu desenvolvimento, pois em cada faixa etária ela demonstra atuações distintas com a realização do grafismo. Quanto aos significados, através do desenho realizado pelo grafismo, a criança começa a perceber os limites do papel e desenvolve suas potencialidades iniciais em termos de reflexão, abstração e conceitualização. Utilizando-se dos elementos centrais de sua peculiar visualidade, os elementos essenciais da linguagem gráfica revela a integração do desenvolvimento na criança apresentada por seus sentidos, suas percepções e pensamentos a partir de um contexto social, historicamente construído e dinâmico. A partir dessa afirmação, pode-se dizer que o desenho além de propiciar entusiasmo, contribui de modo significativo para evidenciação das suas potencialidades, possibilitando uma maior interação no meio que ela está inserida (LOWENFELD, 1977).

No que diz respeito à definição de desenho, pode-se afirmar que essa ação ou atividade é a possibilidade que a criança encontra para lançar-se pra frente, projetar-se. Afirma-se, ainda, que a palavra desenho tem originalmente um compromisso com a palavra designo – plano, intenção, objetivo, propósito –, em que se percebe o desenho se aproximando da noção de projeto. Assim, entende-se que é nessa ação que a criança consegue expressar-se, isto é, sem perceber ela projeta seu pensamento no papel estabelecendo seus objetivos de forma clara para aquele que observa seu traçado (MOREIRA, 1999).

Embora Derdyk (1994) compreenda o desenho como uma atividade ampla, com objetos organizados, por traços com o dedo na areia, ou, ainda, manchas, pontos, linhas. Nessa linha, podem ser objetos lúdicos, artísticos, científicos ou técnicos. Primeiramente é importante entender que cada criança tem uma forma peculiar de fazer seus desenhos e que cada situação vivida por ela torna-se uma atividade permeada de diversão, desde o fazer castelinhos na areia até os rabiscos em folhas de papel. Com base em Derdyk (1994), convém afirmar que o desenho é de fato uma atividade ampla e de alcance significativo.

No que se refere à linguagem, o desenho é um instrumento de conhecimento, manifestado não só na forma gráfica, mas por gestos e sinais. É em razão dessa

visualidade não pronunciada que o desenho torna-se um mecanismo auxiliador na cognição da criança e, desse modo, essa contribuição se configura não só na maneira de grafar, mas por uma linguagem corporal (MORENO, 2005). É por essa razão que a fantasia é constituída sempre com material retirado do mundo real, da imaginação do indivíduo que se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade de toda experiência, na ligação proporcional entre experiência viva e possibilidade de imaginar (WALLON, 1971).

No que concerne ao desenvolvimento infantil, a criança possui várias fases de desenvolvimento até chegar a vida adulta, relata Piaget, o autor argumenta que essas fases devem ser respeitadas, desde os pais, familiares e funcionários da escola no qual esta criança está inserida. Dessa perspectiva entende-se que cada fase do desenvolvimento infantil tem suas peculiaridades e que estas são importantes para a evolução e aprendizagem humana. Cabe dizer que, se essas fases forem devidamente respeitadas, fica compreensível cada particularidade infantil.

Nota-se, portanto, que a experimentação das vivências do cotidiano contribui de modo significativo para desencadear a imaginação deste, possibilitando assim, uma sucessão de criatividade.

3 A PSICOPEDAGOGIA E O DESENHO

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo, portanto, um caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características evitando assim cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade. Ela também deve, terapeuticamente, identificar analisar, planejar e intervir através das etapas de diagnóstico e tratamento.

O diagnóstico sempre poderá confirmar ou não as suspeitas do psicopedagogo, o profissional poderá identificar outros problemas e aí ele poderá indicar um tratamento com psicólogos, com fonoaudiólogos, com neurologistas, ou outro profissional a depender do caso indagado e constatado. Entende-se que o corpo humano se expressa de diversas maneiras, sendo que o movimento corporal some no ar e o movimento gestual do traço, das linhas e pontos ficam guardados no papel. Quando a criança pega no lápis

e descobre seus registros, começa a rabiscar obsessivamente até desgastar toda a ponta do lápis ou quando pega a caneta esferográfica, o processo é o mesmo. Ao final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços e gráficos, fase conhecida como a dos rabiscos ou garatujas.

Derdyk (1989) destaca que a permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer, a autora diz que isto significa uma intensa atividade interna, que nós adultos não conseguimos mensurar. Essas primeiras garatujas básicas classificam-se como unidades gráficas e estarão contidas em qualquer desenho, seja ele figurativo ou não, no momento em que desenha, a criança imprime marcas no papel de uma forma espontânea e em diversas direções, isso ocorre devido a mesma não ter o domínio de proporção sobre o papel.

Existem também traçados que não são provocados por alguma intenção de representar algo, ou mesmo que depois de traçados são destituídos de qualquer significação. No geral, durante essa fase a criança começa a traçar sem qualquer intenção, só mais tarde é que verificará que os traços produzidos outrora se assemelham a algo. Luquet diz que a intenção realista encontra ainda um outro obstáculo, este já não é de gráfica, mas psíquica, ou seja, o caráter ao mesmo tempo limitado e descontínuo da atenção infantil. Por isso, observa-se que a criança não desenha os pormenores, na realidade ela apenas tem a intenção, enquanto pensa, no entanto não realiza seus desenhos, percebe-se essa intenção no instante em que se pede uma explicação verbal sobre o desenho, percebendo-se essa intenção no instante em que se pede uma explicação verbal sobre o desenho.

4 METODOLOGIA

Verifica-se hodiernamente o caráter plurissignificativo do desenho, na medida em que possibilita a abertura de uma interpretação a partir da compreensão do discurso artístico do ser humano. A arte da criança, manifestada pelo desenho, é um texto, como qualquer outro, mas que pode dizer algo com o contexto do que o psicopedagogo precisa, com base em alguns termos ou discursos gráficos.

Em razão disso, esta pesquisa possui um caráter bibliográfico, com a finalidade de possibilitar o diálogo entre os vários pesquisadores da área psicopedagógica, pedagógica, psicológica e dos pais, com a intenção de suscitar reflexões sobre o

desenho infantil como instrumento de comunicação, da ideia de que pode ser compreendido pela linguagem artística. Assim, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em dados e resultados de doutrinadores, mas interpretando-os para a realidade atual e no contexto do trabalho do psicopedagogo.

Nessa perspectiva, formulou-se a problemática pela relevância prática da interpretação do status quo da criança, sua linguagem própria e a possibilidade de utilizar das técnicas de atuação do psicopedagogo para traduzir os fenômenos artísticos em verbais. Em vista disso, o objetivo geral deste estudo foi o de contextualizar o desenho infantil, a perspectiva psicopedagógica, e a conexão dessas duas possibilidades, que, juntas, podem realizar no infante e compreendê-los.

Não se poderia deixar de reconhecer os estudos propostos sobre o desenho da criança e sua interpretação. Por isso, para embasar este estudo, foram reportadas as doutrinas de Vygotsky, Piaget, Azenha e Moreno, os quais fazem parte da década de 70, 80, 90 e 2000, respectivamente.

Para concretizar o objetivo proposto, o trabalho dividiu-se em 3 partes, quais sejam: (i) manifestação da linguagem; (ii) o desenho; (iii) a psicopedagogia e o desenho. No primeiro se procurou empreender as formas de manifestação da linguagem do ser humano para possibilitar compreender o desenho como ferramenta de comunicação do infante ao adulto para, por fim, o adulto profissional (psicopedagogo) utilizá-lo para avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar o desenho como forma de comunicação na qual a criança expressa suas emoções com clareza. Ele se faz perceptível na primeira infância e é um instrumento de relevância na formação da linguagem. Após analisar as principais obras – Vygotsky, Piaget, Azenha e Moreno – e demais teóricos, chega-se a algumas reflexões conclusivas de que o desenho pode ser usado como instrumento de comunicação da criança.

Para isso, basta o considerar o desenho por duas perspectivas: da criança (pela ação prazerosa) e do psicopedagogo (pela avaliação). Ao analisar a narrativa gráfica proposta pelo profissional para a criança, com base nas técnicas interpretativas, pode-se compreender o que não precisou ser dito, mas manifestado. O desenho é um texto não

falado e a imagem uma manifestação de linguagem com profunda interação emocional e contextual. Exemplo disso é a doutrina de Moreno, na qual constata que o desenho é linguagem, podendo ser utilizado como comunicação da criança-adulto e assim contribuir de forma significativa para o seu desenvolvimento em razão do *feedback* adulto-criança.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994.

BOTELHO, J. M. **A influência da oralidade sobre a escrita**. Rio de Janeiro, 2003. Monografia inédita (Curso de Doutorado em letras Estudos da Linguagem)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione 1994.

KOCH, M.G. Inteligência da oralidade na aquisição da escrita. In: **Trabalhos em linguística Aplicada**. Departamento de linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30 Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LOWENFELD, V, Brittain, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, Le dessin enfantin, Alcan, 1972. In: MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Tradução de: Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORENO, Márcia. **A teoria das inteligências múltiplas e sua relação com o processo de ensino e aprendizado do desenho**: um estudo com adolescente. Santa Maria, 2005. Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

PIAGET, J. **Tratado de Psicologia Experimental**: Linguagem, comunicação e decisão. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

REGO, C. T. **Vygotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

VYGOTSKY, Leotiev Lúria. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Scipione, 1988.

WALLON, Henry. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1971.